

Libertação e Diálogo: o horizonte hermenêutico da teologia de Leonardo Boff no paradigma ecológico

Paulo Agostinho Nogueira Baptista*
PUC Minas / Ciências da Religião

Introdução

A discussão hermenêutica na teologia, pela própria especificidade deste campo do saber, ganha cada vez mais importância. Para um autor fundamental na metodologia teológica, Claude Geffré, a teologia “é hermenêutica por natureza, pois estuda uma tradição que é transmitida essencialmente mediante textos e sua interpretação”.¹

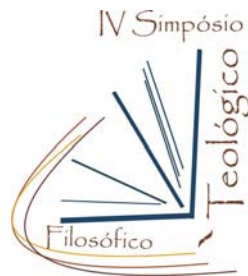
A Teologia do Pluralismo Religioso (TdPR), como teologia hermenêutica, tendo como sentido, objeto e práxis o diálogo inter-religioso, faz, continuamente, esse exercício de interpretação-compreensão: a “teologia hermenêutica interpreta a partir de lugares hermenêuticos tematizados, a partir de matrizes sociais de produção de sentido”.² . Por estabelecer o diálogo da teologia cristã com realidades culturais e religiosas diversas, a TdPR funda-se numa práxis hermenêutica. Nascida no fecundo e arejado ambiente do Concílio Vaticano II, ela interpreta textos e concepções a partir desse lugar: o lugar inter-religioso. Seu grande desafio é: como anunciar Jesus Cristo numa cultura, numa tradição religiosa diversa e plural? Como ser cristão inter-religiosamente?³

* Doutor em Ciência da Religião (UFJF), professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, professor e coordenador de Cultura Religiosa (PUC Minas) e professor visitante da FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia).

¹ Cf. Faustino TEIXEIRA. Teologia do pluralismo religioso em Claude Geffré. *Numen*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 47, jul-dez, 1998, *Apud* Werner G. JEANROND. *Introduction à l'herméneutique théologique*, Paris: Cerf, 1995, p. I.

² Cf. Rui de Souza JOSGRILBERG. A fé em busca da Teologia. In: Jaci MARASCHIN (Org.). **Teologia sob limite**. São Paulo: Aste, 1992, p 36.

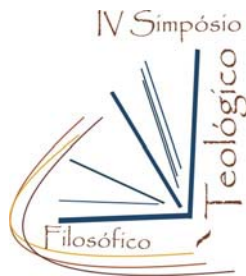
³ Para um estudo sobre hermenêutica, especialmente quanto ao diálogo inter-religioso em Claude Geffré, cf. Roberlei PANASIEWICZ. *Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso em Claude Geffré*. São Paulo: Paulinas, 2007.



Outra tradição teológica contemporânea, nascida na América Latina e de cidadania mundial, a Teologia da Libertação (TdL) também se estrutura, metodologicamente, na dinâmica hermenêutica. Ela se notabilizou por oferecer um novo método teológico que, partindo da mediação de ciências analíticas, articula hermeneuticamente a realidade e a Palavra, a vida e a tradição eclesial, convocando ainda à práxis, ao agir transformador e libertador. Na realidade, a práxis não é um ponto final do método, mas sua própria inteligibilidade no fazer teológico. Essa teologia, hoje, se vê confrontada, em outro contexto, com questões, problemas, sujeitos e lugares teológicos diversos que a fazem pensar e rearticular seu método e suas mediações para continuar sendo uma teologia da libertação. E surge ainda um grande desafio: dialogar com outras teologias, especialmente com a TdPR, uma das teologias mais provocadoras de nosso tempo, motivo de punições e vigilância constante por parte do magistério das igrejas cristãs.

Se a TdL teve, em sua origem, o desafio de “anunciar Jesus Cristo num mundo de miseráveis”, ela continua fiel a essa realidade, mas é chamada a responder a problemas novos. Leonardo Boff, um de seus maiores representantes, continua a produzir teologia da libertação, mas a partir de 1990/93 se abre aos desafios da ecologia e do pluralismo religioso. Se o lugar teológico se situava tradicionalmente no mundo excluído, o terceiro mundo, e o seu sujeito era o empobrecido, hoje, além deste lugar e deste sujeito, surge a Terra-pátria, o Cosmos, casa comum do pobre e das religiões e de seus fiéis, lugar e sujeito de um pensar teológico que clama pela libertação e pelo diálogo, que expressam a utopia do Reino de Deus.

Essa breve comunicação intenta discutir a articulação entre essas duas teologias – TdL e TdPR –, especialmente, visa apontar para o horizonte hermenêutico que a mudança de paradigma – o paradigma ecológico – traz para a teologia de Leonardo Boff, gerando o encontro entre “libertação” e “diálogo”.



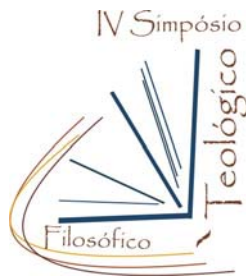
Inicia-se com rápida discussão sobre o problema hermenêutico na teologia. Depois, entra-se na questão fundamental: a introdução do novo paradigma na teologia de Leonardo Boff e as principais mudanças que atingiram suas concepções teológicas. Finalmente, a conclusão aponta para aspectos importantes que essa articulação propicia quanto a um horizonte hermenêutico libertador, inclusivo e dialógico.

1. A questão hermenêutica no método teológico e as Teologias da Libertação e do Pluralismo Religioso

Em sua história de quase 2000 anos, a teologia cristã interpretou a autocomunicação de Deus valendo-se da cultura, dos valores, das tradições e do instrumental teórico disponível ou que se mostrou mais acessível, adequado, imediato, ou, ainda, afinado com as perspectivas teóricas (políticas, ideológicas, espirituais etc.) daqueles que tinham a tarefa teológica. Nesse sentido, a teologia sempre interagiu com o contexto histórico, sempre se revelou contextual, consciente ou inconscientemente. Libanio afirma que toda “teologia é, ao mesmo tempo, universal e particular. Enquanto universal, toca o mistério da revelação de Deus, que tem destino universal de história e geografia. É particular porque é produzida em determinado tempo (história) e lugar (geografia e cultura)”.⁴

A clássica definição de teologia de Santo Anselmo *fides quaerens intellectum* quer significar essa perspectiva situacional e também a relação entre a fé e a razão. Essa fé que deseja entender, saber, é sempre contextualizada, em todos os aspectos. Esse saber é sempre interpretado pelo horizonte teórico epocal. Por isso, é fundamental a consciência de que a fé

⁴ Cf. João Batista LIBANIO. Teologia no limiar do século XXI: relevância e função da Soter. In. FREITAS, Maria Carmelita de (Org.). **Teologia e sociedade: relevância e funções**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 9-10.



(*arché* da teologia⁵) não pode estar dissociada do horizonte histórico de sua interpretação: “Pertence à tarefa inalienável da teologia apropriar-se do passado, saber interpretá-lo corretamente e ser fiel aos testemunhos maiores da fé cristã. [...] [Ser] sensível aos problemas relevantes para o homem atual, tentar articular fé com vida, amor cristão com libertação concreta dos oprimidos, esperança cristã com esperanças políticas.”⁶ Leonardo Boff afirma que a Teologia da Libertação quer “apresentar-se [...] como uma maneira global de articular praxisticamente na Igreja a tarefa da inteligência da fé”.⁷

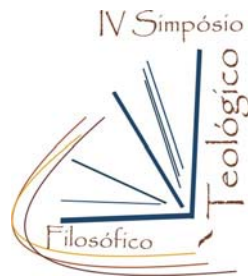
A dimensão hermenêutica do método teológico é uma das questões mais importantes para a “inteligência da fé”. Como ensinava Juan Luis Segundo, esse processo em teologia exige um dinamismo circular: “Este método, que pretende relacionar, tratando-se da palavra de Deus, o passado com o presente, exige uma metodologia especial, que a chamaremos de círculo hermenêutico”.⁸ Essa circularidade, na perspectiva de Dupuis, envolve

⁵ Cf. Clodovis BOFF. Retorno à *arché* da teologia. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **Sarça ardente: teologia na América Latina** – perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 145. São interessantes também as reflexões de Sobrino apontando a “tarefa fundamental dos teólogos” em busca dos “sinais dos tempos”, famosa expressão de *Gaudium et spes*. E, ainda, o seu destaque sobre o que isto significa na AL, que realidade esses sinais representam. Sua resposta, baseada em Ellacuría, é o “povo crucificado” por história de opressões (cf. Jon SOBRINO. Teologia e realidade. In: SUSIN, Luiz Carlos. **Terra prometida** – movimento social, engajamento cristão e teologia. Petrópolis: Vozes/Soter, 2001, p. 288.

⁶ Cf. Leonardo BOFF. **O caminhar da Igreja com os oprimidos**. Do vale de lágrimas à Terra Prometida. Rio de Janeiro: Codecri, 1980, p. 159.

⁷ Cf. Leonardo BOFF. **Teologia do Cativo e da Libertação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 27.

⁸ Cf. Juan Luis SEGUNDO. **Libertação da Teologia**. São Paulo: Loyola, 1978, p. 10. Por círculo hermenêutico o autor entende a “contínua mudança de nossa interpretação da Bíblia em função de contínuas mudanças de nossa realidade presente, tanto individual quanto social. Hermenêutica quer dizer interpretação. O caráter circular dessa interpretação significa que cada realidade nova obriga a interpretar de novo a revelação de Deus, a mudar, com ela, a realidade e, daí, voltar a interpretar... e assim sucessivamente.” (p. 10). Juan Luis Segundo, afirma ainda que existiriam duas condições para o círculo hermenêutico teológico: 1) “as perguntas que surgem do presente sejam tão ricas, gerais e básicas, que nos obriguem a mudar nossas concepções costumeiras da vida, da morte, do conhecimento, da sociedade, da política e do mundo em geral.” 2) “Se a teologia chegar a supor que é capaz de responder às novas perguntas sem mudar sua costumeira interpretação das Escrituras, já terminou o círculo hermenêutico” (p. 11). Ou ainda: “A riqueza e profundidade de nossas perguntas e suspeitas acerca da realidade, e a riqueza e profundidade de uma nova interpretação da Bíblia” (p.12). Dessas duas condições nascem quatro aspectos fundamentais no círculo hermenêutico: 1º) “nossa maneira de experimentar a realidade, que nos leva à suspeita ideológica; 2º) a aplicação da suspeita ideológica a toda superestrutura ideológica em geral e à teologia em particular; 3º) uma nova maneira de experimentar a realidade teológica que nos leva à suspeita exegética, isto é, à suspeita de que a interpretação bíblica corrente não toma em consideração certos dados importantes; 4º) nossa nova hermenêutica, isto é, o novo modo de interpretar a fonte de nossa fé, que é a Escritura, com os novos elementos à nossa disposição.” (p. 12).



não apenas dois termos, mas uma triangulação entre contexto, sujeito-intérprete da realidade e da fé, e o texto, escritura ou o dado da fé a ser interpretado.⁹

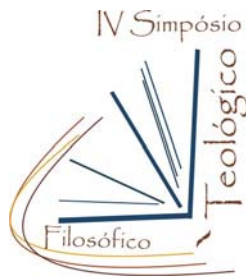
A TdL e a TdPR, na dinâmica do círculo hermenêutico, no contexto globalizado e diante dos grandes desafios atuais (a ameaça de destruição dos ecossistemas; a crise de sentido, a perda de identidade, o surgimento do relativismo, do niilismo, de diversos sectarismos e fundamentalismos, impeditivos de diálogo; e a planetarização da miséria e da concentração da riqueza...), podem oferecer, tanto numa perspectiva teórica quanto numa perspectiva prática, inteligibilidade teológica à libertação e ao diálogo inter-religioso. Articuladas também podem promover uma nova práxis de libertação, inclusiva, dialógica, compreendendo a defesa de toda vida e a necessidade de um grande encontro que, garantindo as diversidades, promovam efetivamente o diálogo e a dignidade do viver. Avaliar esse processo no pensamento de Leonardo Boff é portanto, metodologicamente, instigante e relevante.

Sendo a TdL e a TdPR teologias contextuais, deve-se, no entanto, observar que não é o contexto que dita as regras da teologia e nem a teologia deve viver “ao sabor dos contextos”. Entra em discussão a tensão entre a perspectiva “situacional” da teologia e sua dimensão “universal”.

Shoki Coe, teólogo chinês, adverte que não se deve falar de “teologia contextual” e nem de “teologia contextualizada”, mas de teologia que contextualiza ou “teologia da contextualização”.¹⁰ Isto significa que há um processo ativo, dinâmico, circular, que revela uma intencionalidade. Há uma dimensão essencialmente crítica na Palavra de Deus que transcende o tempo e o contexto, mas que se torna “significativa”, quando ela é contextualizada em cada tempo e lugar. Esse é o desafio hermenêutico.

⁹ Cf. Jacques DUPUIS. Verbete: Teologias – Da libertação. In: René LATOURELLE; Rino FISICHELLA. **Dicionário de Teologia Fundamental**. Petrópolis-Aparecida: Vozes-Santuário, 1994, p. 1974.

¹⁰ Cf. Rosino GIBELLINI. **A teologia do século XX**. São Paulo: Loyola, 1998, p. 479.



Rosino Gibellini explica que é “por meio da contextualização, como resposta à contextualidade, que se constrói a catolicidade”, a universalidade da teologia.¹¹ A contextualização é medida pela contextualidade.¹² O ato de contextualizar, por palavras e atitudes-ações, é medido pela realidade contextual. Há uma “ambiência” que é critério e medida para a “ação de contextualizar”. Mas o contexto não é algo fixo e não pode ser tomado como “fóssil”. Também a teologia não pode ser “camaleônica”, viver ao sabor das situações. Coe vê com alegria e considera fundamental o surgimento da diversidade teológica que contextualiza: “uma teologia negra, e portanto de uma teologia amarela, e da teologia da libertação [sic], por amor à verdadeira catolicidade do Evangelho. Não existe nenhuma teologia incolor [...]”.¹³

Há, portanto, uma tensão entre a “contextualidade” e a “universalidade” e não se pode “pender” para um dos lados, reduzir e simplificar essa questão, pois haveria grande prejuízo teológico: perde-se a situação histórica, generalizando-se ou abstraindo-se ou, por outro lado, fica-se preso ao “local”, à situação. De modo semelhante, afirma Leonardo Boff: “Não seria católica a Igreja que não fosse africana, chinesa, européia, latino-americana.”¹⁴

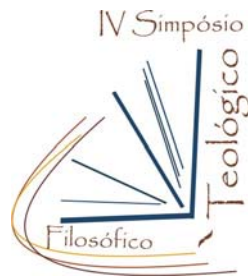
Uma hermenêutica, especialmente se pretende ser ecumênica, e também inter-religiosa, a partir da fé cristã, deve articular encarnação e universalidade, o “situar-se em um contexto” e a abertura que amplia o horizonte. Essa hermenêutica “seria, então, a preocupação de entender-se

¹¹ Cf. Rosino GIBELLINI. **A teologia do século XX**, p. 477.

¹² Rudolf von Sinner entende por contextualidade “a dimensão qualitativa da fé e a teologia que reflete sobre ela, na qual, de maneira consciente e explícita, a realidade da vida, por uma lado, junto à Escritura e à tradição, por outro, possa ser tida como ponto de partida em pé de igualdade, nas quais, portanto, o contexto – na acepção ampla de situação cultural, religiosa, social, política e econômica – e o texto – como a Escritura em seu processo de transmissão e interpretação, portanto, em sua tradição – se interpretem mutuamente”. Cf. Rudolf von SINNER, *Hermenêutica ecumênica para um cristianismo plural. Relações sobre contextualidade e catolicidade*. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 31, 2004. Esse autor realizou pesquisas sobre o pensamento de Leonardo Boff e Raimon Panikkar e será um interlocutor crítico importante deste trabalho, tanto neste quanto nos próximos capítulos.

¹³ Cf. Shoki COE. *Contextualization as the Way Toward Reform*. In: ELWOOD, D. J. **Asian Christian Theology. Emerging themes**. Philadelphia: Westminster Press, 1980, p. 54, Apud Rosino GIBELLINI. **A teologia no século XX**, p. 478.

¹⁴ Cf. Leonardo BOFF. **Igreja: carisma e poder**. Ensaio de Ecclesiologia Militante. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 159.



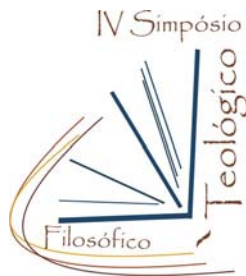
melhor entre cristãos no tocante à vida no mundo (contextualidade) e à vida como cristão (catolicidade); ela também poderia capacitar-nos a aprender – indo além de nossa própria tradição – de cristãos e cristãs em outras culturas e confissões para a compreensão de nossa própria fé e vida de fé”.¹⁵ Essa visão, apresentada por Rudolf von Sinner, destaca justamente a tensão entre “contexto”–“universalidade” e o desafio do diálogo ecumênico e inter-religioso, o aprendizado que se adquire para a própria vivência da fé. O diálogo não diminui a qualidade da experiência religiosa, pelo contrário, provoca a abertura, não sem crises, e proporciona novos horizontes.

A TdL e a TdPR são teologias que têm se preocupado em garantir essa tensão que o processo de construção teológica exige, oferecendo a resposta da inteligência da fé às grandes questões de nosso tempo.

Do ponto de vista da epistemologia teológica, o objeto material de toda teologia é “Deus e tudo o que se refere a ele” e seu objeto formal (a forma de ver) é “Deus revelado”, ou seja, a forma de olhar o objeto material se dá “à luz da fé”. Na perspectiva cristã, especialmente destacada na TdL, o “Deus revelado” se mostra cabalmente em Jesus, mas antes Ele já se revelava na herança judaica do cristianismo, confirmada no Nazareno, como o Deus “defensor dos pobres e libertador dos oprimidos”. Portanto, já no objeto formal da TdL se encontra a questão da libertação e do pobre. Essa realidade é bastante nítida na produção da teologia da libertação de Leonardo Boff. Mas, além de fazerem parte da “forma” (à luz da fé) e do método, a libertação e o pobre, enquanto articulação, são também “perspectivas” ou “enfoques” [“correlato (subjetivo) do aspecto (objetivo) que se tem em vista”¹⁶], ou um “novo modo de fazer teologia”. Também o “pluralismo religioso” é outro

¹⁵ Cf. Rudolf von SINNER. *Hermenêutica ecumênica para um cristianismo plural.*, p. 31.

¹⁶ Cf. Clodovis BOFF. **Teoria do método teológico.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 42. Para Clodovis, esse objeto formal “só é captado a partir de uma *perspectiva* particular em que se põe o sujeito epistêmico”. (cf. p. 40). É esse objeto formal que garante a “teologicidade” de uma reflexão teológica. E ele afirma ainda que a “libertação e o pobre podem ser perfeitamente assuntos da teologia, precisamente na medida em que são considerados, segundo Deus, dentro do projeto do Reino. Ora, o Deus da teologia é um Deus libertador.” (cf. p. 47).



enfoque, outra ótica de se fazer teologia,¹⁷ de trabalhar o objeto material. Seu objeto formal, revela-se em Jesus que, além de libertador é também expressão encarnada da autocomunicação de Deus, de um Deus-dialogador. A TdPR busca “à luz da fé” refletir sobre como o Deus revelado vê o pluralismo e o diálogo.

Se para Leonardo Boff a libertação foi o foco teológico (pertinência)¹⁸ predominante de sua teologia, nota-se que a partir de 1990/93, sem deixar a “libertação”, abre-se um novo horizonte hermenêutico representado pela ecologia que, por conseguinte, gera outra “abertura”: ao diálogo inter-religioso. Libertação e diálogo encontram-se, então, a partir de mudança paradigmática da ecologia e outro horizonte de compreensão teológica surge, buscando responder aos sinais dos tempos..

2. A introdução do paradigma ecológico na teologia de Leonardo Boff e suas principais mudanças

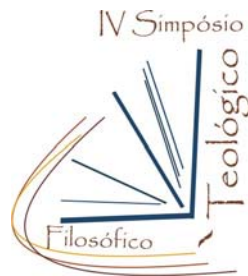
Nenhuma mudança, especialmente uma mudança paradigmática, acontece da noite para o dia. Ela é gestada lentamente e sua consciência vai se formando aos poucos. Elementos objetivos, subjetivos e contextuais ajudam a definir esse processo.

Assim, Leonardo só usará a expressão *paradigma ecológico*, pela primeira vez, em 1993, no livro “**Ecologia, mundialização, espiritualidade; a emergência de um novo paradigma**”. Mas o processo de sua mudança começou antes, em 1990.

Esse livro foi concluído em outubro de 1992, sendo lançado no ano seguinte. A expressão “paradigma” só aparece como título da primeira parte

¹⁷ Cf. Clodovis BOFF. **Teoria do método teológico**, p. 40-56.

¹⁸ Deve-se esclarecer que para Clodovis Boff a “pertinência de uma disciplina [aqui a teologia] se define logicamente em relação a seu objeto formal.” Cf. Clodovis BOFF. **Teologia e prática**. Teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 139. À luz da fé em Deus, defensor e libertador dos pobres e oprimidos (objeto formal), a TdL define sua pertinência libertadora.



do livro, não se discutindo seu significado. O que se discute de forma decisiva é uma perspectiva da “ecologia”. Encontra-se aqui o sentido inicial e fundamental da mudança que ocorre na teologia de Leonardo Boff. A categoria “paradigma” só será objeto de análise em 1995,¹⁹ quando o conceito de Thomas Kuhn é apropriado por Boff, que lhe dá uma interpretação bem ampla.

O contexto da publicação de seu primeiro livro no novo paradigma, sob os ventos da Eco-Rio-92, também representa o momento de uma mudança biográfica de Leonardo Boff: seu desligamento da Ordem Franciscana e do ministério presbiteral (28 de junho de 1992).²⁰

Mas, para Leonardo, os primeiros passos remotos de uma mudança, sem a consciência de um *novo paradigma*, começaram bem antes (1975), com o texto “A não-modernidade de São Francisco – a atualidade do modo de ser de S. Francisco face ao problema ecológico”, publicado na Revista de Cultura Vozes.²¹ Este texto sairia depois no capítulo primeiro, com acréscimos, do livro “**São Francisco: ternura e vigor** (1981)²². Numa outra versão, ligeiramente modificada, sairia também em 1979, num artigo do livro publicado com vários autores em homenagem a Burle Marx: “O São Francisco que mora dentro de cada um de nós”²³.

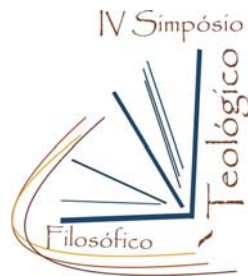
¹⁹ Cf. Leonardo BOFF. **Princípio-Terra**, a volta à nossa pátria comum. São Paulo: Ática, 1995; Idem, **Dignitas Terrae**, Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995.

²⁰ Antes de **Ecologia, mundialização, espiritualidade** (São Paulo: Ática, 1992), os primeiros textos que sinalizam uma mudança foram: “Natureza e sagrado: a dimensão espiritual da consciência ecológica”, proferido em palestra em 1990 e publicado no livro de Unger (Nancy M. UNGER. **Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 75-80); o Prefácio: “Viver uma atitude ecológica”, em 1991, também de outro livro de Unger (Nancy M. UNGER. **O Encantamento do humano**. Ecologia e espiritualidade. São Paulo: Loyola, 1991, p.11-4); uma entrevista no “Jornal Frente Popular ‘Brasil’”, em junho de 1991 (Ecologia e espiritualidade, publicada em ZARVOS, Cláudia et al. (Comp.) **Seleção de textos espirituais**. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 125-7); e uma palestra proferida em janeiro de 1992, no VII Encontro Nacional dos Direitos Humanos, em Brasília, realizado entre os dias 26 e 31, (**Cadernos de Fé e Política**, Petrópolis, v. 7, 1992, p. 37-54), publicada com o título “Refundação da Dignidade Humana a partir da nova Cosmologia”. Assim, se justifica novamente a datação adotada por esta pesquisa: entre os anos 90 e 93. O livro “**América Latina: da conquista à nova evangelização**. São Paulo: Ática, 1992”, apenas nas últimas páginas começa a acenar para temas que caminham na perspectiva da mudança de paradigma.

²¹ Cf. Leonardo BOFF. A não-modernidade de São Francisco – a atualidade do modo de ser de S. Francisco face ao problema ecológico. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 69, p. 335-48, 1975.

²² Cf. Leonardo BOFF. **São Francisco: ternura e vigor**. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 19-63.

²³ Cf. Leonardo BOFF et al. **Roberto Burle Marx**, homenagem à natureza. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 17-34.



A expressão *paradigma ecológico*, para Leonardo Boff, inicialmente significa a emergência de uma nova consciência, “nova forma de dialogação com a totalidade dos seres e de suas relações [...] nova sensibilização para com o planeta como um todo”.²⁴

O texto que introduz de forma mais explícita o *novo paradigma* – “Natureza e sagrado: a dimensão espiritual da consciência ecológica” – foi apresentado entre 16 e 19 de agosto de 1990, num Seminário no Centro João XXIII, coordenado por Nancy Mangabeira Unger. Neste texto, Boff busca em Francisco de Assis as bases da relação Natureza e Sagrado numa perspectiva espiritual: “a busca de uma totalidade que integra o dentro-fora, o em cima-embaixo, transcendência-imanência. Em São Francisco, temos a fulguração de alguém que viveu essa dimensão.”²⁵. E em 1991, Leonardo escreve o prefácio “Viver uma atitude ecológica”, quando critica o *paradigma moderno*, o antropocentrismo e fala das dimensões da ecologia.

Em todas essas publicações, percebe-se o início de uma mudança fundamental, um *novo paradigma*. Na terceira parte do texto “Refundação da dignidade humana a partir da nova cosmologia” (1992),²⁶ formula-se a “Fundamentação quântica” dessa dignidade. Os diversos temas descritos nesta parte, como a nova cosmologia e a teologia, a nova antropologia, a dialogação de tudo e todos, representam uma visão que articula teologia, antropologia e ecologia, dando início à sua mudança teológica.²⁷

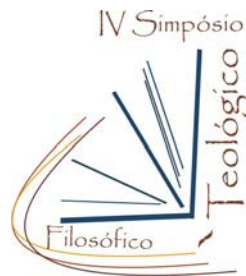
Verifica-se que não se trata de mais um novo tema pesquisado por Boff, nem de re-leitura de antigos temas, nem de modismo teológico ou da

²⁴ Cf. Leonardo BOFF. **Princípio-terra**, p. 33; cf. tb. Idem, **Dignitas terrae**, p. 29.

²⁵ Cf. No texto de 1991 – “Ecologia e espiritualidade” (ZARVOS, 1991, p. 125-7), e no prefácio “Viver uma atitude ecológica” (UNGER, 1991), a idéia de “mudança de paradigma”, a crítica ao antropocentrismo e ao paradigma moderno, as dimensões da ecologia (técnica-ambiental, política, radical-profunda, a concepção holística, a nova ética, a mística ecológica), tudo isto já aparece, especialmente no breve prefácio de quatro páginas, e serão temas desenvolvidos a partir de 1992/93.

²⁶ Cf. Leonardo BOFF. Refundação da dignidade humana a partir da nova cosmologia, p. 37-54.

²⁷ A partir deste texto todas as publicações partirão deste novo paradigma, com exceção do livro “**América Latina**: da conquista à nova evangelização”, escrito anteriormente, por ocasião da comemoração dos 500 anos da América e que só ao afinal, na última página, faz breve referência à questão ecológica.



influência da *Nova Era*.²⁸ Ocorre verdadeira *mudança de paradigma*, como afirmava Hans Küng: “a consciência de uma crescente crise é geralmente o ponto de partida para uma mudança profunda de determinadas concepções básicas do passado e, finalmente, para a irrupção de um novo modelo hermenêutico ou paradigma: quando métodos e regras existentes fracassam, induzem à busca do Novo.”²⁹

Na abertura de seu livro “**Ecologia, mundialização, espiritualidade**”, Leonardo Boff diz que “Os textos que aqui reunimos nasceram nos últimos dois anos, sob o impacto das convulsões históricas acontecidas e sofridas que atingiram biograficamente também o autor [...] são fruto da crise. Ela possui sempre uma função acrisoladora. Como um crisol, ela libera o ouro das gangas. O cerne fica exposto. Com ele, podemos construir. Ou ele se faz semente de um novo caminho”.³⁰

A preocupação de Boff com o tema ecológico, como já foi mencionado, inicia-se bem antes (1975) dessa mudança (1990/93).³¹ Deve-se observar que entre os anos de 1985 e 1986, Leonardo passa a se dedicar a estudar o tratado da Criação e, em 1988, afirma que “nos últimos três anos, em razão da crise ecológica mundial, ocupei-me com o mistério da criação”.³² Certamente, além da crise ecológica mundial, a crise biográfica, vivida a partir de 1984 e intensificada em 1985, com a punição de silêncio obsequioso (publicação do

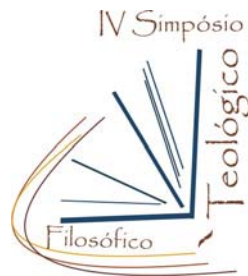
²⁸ Em artigo publicado na revista *Numen* (Cf. Marcelo Ayres CAMURÇA. Sombras na Catedral: a influência New Age na Igreja Católica e o Holismo da Teologia da Libertação de Leonardo Boff e Frei Betto. *Numen*, Juiz de Fora: UFJF, v. 1, n.1, p. 85-125, jul-dez 1998), o antropólogo Marcelo Ayres busca evidenciar tais identificações e influências. Mas, na perspectiva teológica, tal mudança é mais profunda e não pode ser reduzida à simples repercussão do movimento *New Age*: ela é paradigmática.

²⁹ Cf. Hans KÜNG. *Teologia a caminho*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 172.

³⁰ A afirmação “Os textos que aqui reunimos nasceram nos últimos dois anos” confirma e justifica objetivamente a datação escolhida para marcar sua mudança: 1990/93. Cf. Leonardo BOFF. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*, p. 10. Esse livro foi concluído em outubro de 1992 e publicado em 1993.

³¹ Cf. Leonardo BOFF. A não-modernidade de São Francisco, texto publicado como modificações no livro “**São Francisco**: ternura e vigor, p. 19-63”. Cf. tb. Leonardo BOFF. O São Francisco que mora dentro de cada um de nós. In: Leonardo BOFF et al. **Roberto Burle Marx**, p. 17-34.

³² Cf. Leonardo BOFF et al. *O que ficou... Balanço aos 50*. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 23. A partir de 1985, ano no qual Leonardo cumpre o silêncio obsequioso, ele começa a se dedicar ao tratado da criação. No contexto da crise vivida pela punição da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé e pelas mudanças sociopolíticas e culturais (Queda do Socialismo, crise mundial, etc.), tal estudo trará repercussões a partir de 1990.



livro **“Igreja: carisma e poder”**, 1981), contribuiu para essa mudança. Depois do interrogatório no ex-santo Ofício, o local de seu refúgio não deixou de afetá-lo: “Fui buscar consolo e a recuperação de minha fé nas selvas do Acre.”³³

As primeiras ponderação explícitas sobre os novos estudos que Leonardo vinha realizando desde 1985/86 aparecem no referido Seminário do Centro João XXIII (agosto de 1990).³⁴

O drama de nossa cultura foi ter feito da diferença uma discriminação, uma desigualdade. Daí o ser humano definir-se contra a natureza; por desconhecer a dignidade da Terra, ele a reserva para si. Não tem a *dignitas Terra*, tem a *dignitas humana*. A diferença é fundamental, porque é ela que vai permitir a comunhão, a alteridade como desafio; distintos para estarmos unos. [...] Considero que a defesa da vida na sua centralidade é ganho na reflexão, porque supera o antropocentrismo, a visão utilitária de o ser humano usar a natureza para si. Aqui é a visão da vida em si mesma, sua felicidade. Através de uma ética da compaixão, o ser humano está ligado por laços vitais com todos os seres vivos.[...] Pensar a ecologia como integração política, reivindicatória, libertária da vida, a partir do mais frágil é, isto sim, ser biocêntrico.³⁵

Para Rudolf von Sinner, “Boff assumiu, com suas reflexões ecológico-cosmológicas, um papel pioneiro [...] a urgência das preocupações ecológicas, as conectou com a cosmologia teilhardiana, percepções dos cientistas naturais e a doutrina da trindade e disseminou o tema no Brasil através de seus livros”.³⁶ Além do pioneirismo e do papel de divulgação desta importante questão, Sinner diz que é “legítima e constitui uma contribuição importante de Boff para a discussão ecumênica”, podendo-se acrescentar, que foi também uma contribuição para a reflexão inter-religiosa, a “busca de uma forma

³³ Cf. Leonardo BOFF et al. **O que ficou... Balanço aos 50**, p. 25.

³⁴ Cf. Nancy M. UNGER (Org.). **Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico**.

³⁵ Cf. Nancy M. UNGER (Org.). **Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico**, p. 30-1.

³⁶ Cf. Rudolf von SINNER. **Hermenêutica ecumênica para um cristianismo plural**, p. 35.



concreta de sociedade (e de igreja) que correspondesse melhor ao ser humano e à natureza e fosse inspirada a partir do Deus triúno [...].”³⁷

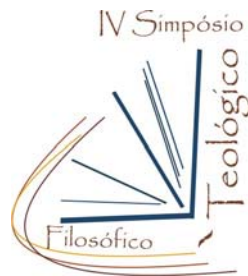
Mas tal mudança não se deu de forma abrupta; há *continuidades* e *descontinuidades*, sendo fruto de longa reflexão e também de raízes que esbarram no nascedouro de sua vida teológica. E ela aconteceu num contexto muito amplo: do biográfico às grandes mudanças ocorridas no final da década de 80 e início de 90,³⁸ como o *paradigma ecológico*.

Sob o *paradigma ecológico*, Leonardo Boff repensa seu edifício teológico. Confessa que o tempo não permitirá cumprir a promessa de escrever um tratado sobre a Igreja severina, nem completar sua trilogia sacramental. Afirma, ainda, que a escatologia cristã, baseada numa metafísica convencional, não o convence mais. Sua desconfiança e suspeita toma como base a crítica de que ela representa “uma projeção cultural de base ocidental greco-latina”. Por isso, ele expressa a suspeita de que “continuaremos ainda a peregrinar por outros cenários espirituais e divinos”.³⁹

³⁷ Cf. Rudolf von SINNER. *Hermenêutica ecumênica para um cristianismo plural*, p. 35. Pode-se encontrar também nessa citação a percepção de uma articulação “teoantropocósmica” em Boff, questão que será discutida mais adiante.

³⁸ Não é sem importância mencionar a grande mudança provocada pela Queda do Muro de Berlim, com toda a crítica ao socialismo e, por extensão, à Teologia da Libertação. Também deve-se destacar o fato de que foi por ocasião da Eco-92 (junho de 1992) que aconteceu a comunicação de sua nova punição, o que o levou a deixar a Ordem Franciscana e se autopromover ao estado leigo, em 28 de junho 1992. Brevemente, deve-se mencionar que a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) dedica-se também à discussão sobre o tema ecológico, inclusive em suas publicações, a CNBB lança um livro sobre o tema, e a PUC-RIO realiza um seminário abordando a reflexão cristã e a ecologia. Antes disto, em 1990, e ampliando esta contextualização, pode-se ainda fazer referência à Mensagem de João Paulo II para a Jornada Mundial da Paz: cf. JOÃO PAULO II. *Paz com Deus Criador, paz com toda a Criação. Mensagem para o Dia mundial da Paz*. 01 jan. 1990. Disponível no endereço: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace_po.html>. Acesso em 01 mai 2007. E também ao documento que preparou a Convocação Mundial sobre Justiça, Paz e Integridade da Criação, do CMI – Conselho Mundial de Igrejas, cf. Guilherme KERBER. **O ecológico e a teologia latino-americana: articulação e desafios**. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 18. Na última seção deste capítulo aparecem com mais detalhes, especialmente nas notas, as referências desse contexto. Outro teólogo importante para a TdL – Hugo Assmann – também inicia nesse momento sua mudança “paradigmática”.

³⁹ Cf. Leonardo BOFF. Depoimento. *Balanço aos sessenta: entre a cátedra de Pedro e a Cadeira de Galileu Galilei*. **Numen**, Juiz de Fora, v. 2, n.2, p. 143, jul-dez, 1999. Na sequência dessa citação, Leonardo afirma que “nada está pronto, nem o universo, nem Jesus Cristo ressuscitado (porque seus irmãos e irmãs e o cosmos ainda não foram transfigurados), nem nós mesmos”. Posição semelhante tem M. Amaladoss, afirmando que a Igreja “peregrina dentro dos limites da cultura e da história.”, cf. Michael AMALADOSS. *O pluralismo das religiões e o significado de Cristo*, In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Diálogo de Pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 103.



Se por um lado, percebe-se a *descontinuidade* trazida pelo *paradigma ecológico*, por outro, convive-se com a *continuidade* transformada da grande linha teológica de Leonardo Boff: a Teologia da Libertação (TdL).

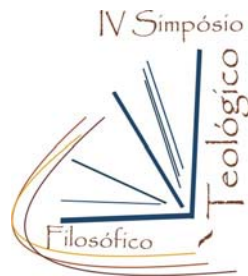
Em 1996, Boff afirma que, no “final dos anos 80, começou um alargamento do horizonte da TdL [...] o encontro com a preocupação ecológica”.⁴⁰ Neste sentido, a TdL é chamada a assumir a nova cosmologia do discurso ecológico, bem como sua antropologia “não-antropocêntrica”. As questões colocadas pela TdL, neste novo contexto, mudaram: a “questão básica não é que futuro possui o cristianismo ou a Igreja de Cristo? Nem: que destino terá o Ocidente? Mas: que futuro terá o planeta terra e a humanidade? [...] Em que medida o cristianismo e as outras religiões [...] ajudam a garantir esse futuro coletivo?”⁴¹

Destas questões se construirá outro discurso, articulando teologia e biociências, teologia e física. Também se desenvolverá mais a teologia da criação, a cristologia cósmica, a trindade cósmica, a eco-espiritualidade, a antropologia do cuidado, a dialogação *teoantropocósmica*, uma nova ética e, especialmente, a articulação entre TdL e TdPR, num projeto de religação, tanto mística quanto ética, passando por uma teologia transformada que ajude na construção da fraternidade, da libertação e do diálogo.

Pode-se observar, no entanto, que Boff dá *continuidade* ao método da TdL: parte da “anti-realidade” (antes, o grito do empobrecido, agora ampliada com o grito da Terra), buscando *ver* e compartilhar, existencialmente, o processo que grita por mudança, por libertação. O outro momento é o *julgar*; utiliza do instrumental analítico e da mediação hermenêutica (os dados das ciências – antes as ciências socioanalíticas, agora também as ciências da Terra – e dados da fé e sua tradição), realizando o diálogo e o encontro interdisciplinar. O terceiro momento é o *agir*, que busca transformar a

⁴⁰ Cf. Leonardo BOFF (Org.). **Teologia da Libertação**: balanço e perspectivas. São Paulo: Ática, 1996, p. 114.

⁴¹ Cf. Leonardo BOFF (Org.). **Teologia da Libertação**: balanço e perspectivas, p. 126.



realidade e as relações que mantêm a opressão ou que agredem a sobrevivência do ser humano e da Terra: uma nova ética⁴².

Neste sentido, nota-se que a dinâmica da libertação se amplia – “Grito da Terra, grito dos Pobres”: “Não apenas os pobres e oprimidos devem ser libertados. Mas todos os seres humanos, ricos e pobres, porque todos são oprimidos por um paradigma que a todos escraviza, de maltrato da Terra, de consumismo, de negação da alteridade e do valor intrínseco de cada ser.”⁴³. Não se entenda com isto que Leonardo iguale em importância a questão do pobre e do rico, ou do pobre e da natureza. Há críticas explícitas e veladas sobre isso, mas não se leva em conta a continuidade de sua reflexão: “Importa também, em segundo lugar, redefinir o ponto de partida, que é a opção pelos pobres que inclui os seres mais ameaçados da criação. [...] urge reafirmar uma opção pelos pobres do mundo, aquelas imensas maiorias da espécie humana que são exploradas e dizimadas por uma pequena minoria da mesma espécie.”⁴⁴

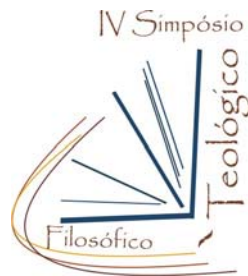
Porém, Leonardo Boff observa que a TdL não surgiu dentro do horizonte ecológico. Apesar de suas intuições não divergirem absolutamente da questão ecológica, a TdL pensava tudo “dentro de um horizonte histórico-social, mas estrito e no contexto da cosmologia clássica”.⁴⁵ Com esta

⁴² Segundo Clodovis Boff, na TdL, o Ver (a mediação socioanalítica, aplicada à sua reflexão sobre a Teologia do Político) é o primeiro passo lógico (não cronológico), preparando as condições da “operação teológica”. Já Hermenêutica, o Julgar, tem a “primazia na ordem de importância”, pois é ela que transforma a “matéria-prima” do Ver em teologia especificamente, dando-lhe forma “específica de um artefato propriamente teológico.”. O Agir (a Práxis) não é mediação teórica, mas meio, precedendo, acompanhando e seguindo o processo todo. Ele faz parte do “estatuto social e histórico” da teologia, e não do “estatuto epistemológico”. Cf. Clodovis BOFF. *Teologia e Prática*. REB, Petrópolis, v. 36, n. 144, p. 796, dez. 1976. Analisando o método de L. Boff, pode-se afirmar que no *paradigma ecológico* ele se mantém. Ampliam-se o horizonte e também as mediações do Ver e do Julgar. Num trabalho de pesquisa sobre a Trindade em Leonardo Boff, Euler Westphal (1997) também tem essa opinião: “há espaço para se pensar o ecológico como possibilidade metodológica da TdL. O elemento ecológico não é um corpo estranho ao método, como foi concebido historicamente pela TdL, mas trata-se de uma ampliação da teologia do político.”. Cf. Euler Renato WESTPHAL. *O Deus cristão: um estudo sobre a teologia trinitária* em Leonardo Boff. 1997. 332f. Tese (doutorado). EST – Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Teologia, São Leopoldo, p. 256-7.

⁴³ Cf. Leonardo BOFF. *Dignitas Terrae*, p. 175-6.

⁴⁴ Ibidem, p. 176.

⁴⁵ Ibidem, p. 168.



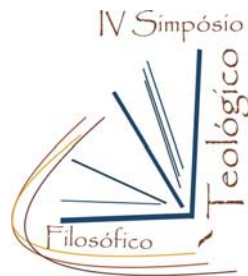
afirmação, evidencia-se que, entre a TdL e a teologia produzida a partir de 1990/93, há verdadeira *mudança de paradigma*.⁴⁶

Mas a TdL sempre esteve às voltas com a *mudança de paradigma*.⁴⁷ No princípio ela saiu da “academia eclesiástica”, do *paradigma moderno*, para se encontrar com outro universo: o mundo dos pobres. Depois enfrentou o diálogo com as culturas, indígenas, “afro-latino-americanas” e não ocidentais. Mais recentemente a mudança aconteceu no encontro com a “questão de gênero”, a ótica feminina. E a partir dos anos 90, na mudança do *paradigma ecológico*, o encontro com as ciências da Terra, a nova cosmologia, o enfrentamento do grito da pobre-Terra, base da vida de todos.⁴⁸ Hoje, tais

⁴⁶ Sobre essa questão, adiante serão discutidos melhor os critérios para verificar essa *mudança* e posições contrárias a essa análise. Mas deve-se aqui colocar um problema: se a crítica à cosmologia moderna, ao paradigma moderno e de sua racionalidade, feita por L. Boff, e apresentada neste trabalho no tópico 2.2 (especialmente, o 2.2.2 – O que é paradigma ecológico na teologia de L. Boff), não estaria em contradição com a “utilização” das ciências no novo paradigma. Euler Westphal levanta essa questão dizendo que “o otimismo epistemológico da TdL está ancorado na visão positivista da teoria da ciência [...], cf. Euler WESTPHAL. **O Deus cristão**, p. 265. Para esse autor, a questão do método “está difusa atualmente na TdL, em espeical na teologia de L. Boff. Segundo nosso arrazoado, há uma imprecisão conceptual em relação à compreensão do método”, cf. p. 270. A resposta que se pode dar à Westphal é que, no *paradigma ecológico*, Leonardo Boff tem a consciência de que se deve superar todo reducionismo, incluindo na análise outras dimensões como o “religioso”, a visão holística, a antropologia, a afetividade e a “mediação ética”. Se há uma utilização ampla do conceito “paradigma”, no entanto, Leonardo Boff continua a produzir sua teologia seguindo o método tradicional da TdL, mas não mais sob a utilização tradicional da “ferramenta marxista” ou apenas das ciências socioanalíticas. Clodovis Boff reconhece (1993) que há “ainda outras mediações importantes para a TdL”, como a “Mediação Ética”, a “Mediação Histórica” e a Mediação Filosófica”, cf. Clodovis BOFF. **Teologia e prática**. (3. ed. 1993), p. X e XI. Admite também (1996) que há uma crise nas mediações: mudou a visão sobre o sistema social, sobre o “projeto histórico de sociedade” e sobre as estratégias para se alcançar a “utopia”, Cf. Clodovis BOFF. A teologia da libertação e a crise de nossa época. In: Leonardo BOFF. **A teologia da libertação: balanço e perspectivas**, p. 99 e 100 (p. 98-113). Leonardo Boff também se posiciona sobre isso: “Não podemos continuar fazendo TdL como vinha sendo feita nas duas décadas anteriores.”, cf. Leonardo BOFF. **Libertação integral: do pobre e da terra**. In: Leonardo BOFF. **A teologia da libertação: balanço e perspectivas**, p. 115. Referindo-se às mudanças da década de 80 (queda do muro de Berlim e do império soviético, da globalização e do neoliberalismo que atinge a economia, a política e a cultura), Leonardo afirma que tudo isto “obriga a teologia a reciclar suas categorias de análise, a abrir o horizonte de sua perspectiva de libertação e a desenvolver outras estratégias de empenho libertador.”, cf. p. 115. Fala, então, das ciências da Terra e reafirma o método da TdL, incluindo o Celebrar, cf. p. 117, 122-3. Também Libanio pode responder ao questionamento de Westphal: “A TdL é o resultado de interessante encontro da pré-modernidade da piedade popular com a pós-modernidade dos teólogos, sem ficar presa à estrita problemática da razão e subjetividade modernas.”, cf. João Batista LIBANIO. **Teologia da libertação**, p. 100.

⁴⁷ Cf. Leonardo BOFF. O pobre, a nova cosmologia e a libertação. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.) **Sarça Ardente: teologia na América Latina – prospectivas**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 191

⁴⁸ Ibidem, p. 191-2. Leonardo diz que “a centralidade não está mais no pobre, socioeconômico, político, cultural, étnico, feminino, como na formulação clássica da Teologia da Libertação dos anos 70 e 80, mas no grande Pobre, a Terra, como está sendo percebido a partir dos anos 90. Na opção original pelos pobres



transformações articulam-se também com a TdPR, com o diálogo inter-religioso.

Mas o começo da mudança surge com a cosmologia, com a visão de mundo. No *paradigma ecológico*, foi a mudança cosmológica que propiciou a *virada*, ampliando e transformando a reflexão sobre Deus e seu Mistério salvífico e sendo crítica assaz do antropocentrismo.

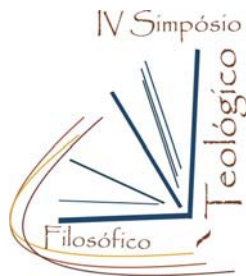
Numa formulação sintética, Leonardo apresenta os elementos principais da nova cosmologia, “uma rede de implicações inter-retro-conectadas” que abrem uma nova compreensão da vida, de Deus, do ser humano, de tudo:

há um todo dinâmico e orgânico constituindo um sistema aberto. [...] O todo é uno e dinâmico, mas contém uma diversidade inimaginável de seres e de energias. [...] Os seres, energias e as ordens são interdependentes. [...] A interdependência revela a cooperação de todos com todos. [...] Tal interdependência e cooperação faz que todos se complementem uns aos outros. [...] Essa mutualidade e reciprocidade de todos com todos garante a sustentabilidade dos sistemas e de seus representantes. [...] A evolução jamais é só adaptação de todos com todos dentro dos ecossistemas, mas é também troca de informações e aprendizado [...] A matéria e todas as coisas são portadoras não apenas de massa e de energia, mas também de informação porque estão permanentemente em interação em processos de troca, assimilação, rejeição, composição e aprendizagem. [...] O todo revela propósito. [...] essa projeção nos obriga a pensar a realidade não como uma máquina, mas como um organismo vivo, não como blocos estanques, mas como sistemas abertos e em redes de relação.⁴⁹

Essa nova cosmologia propicia nova base para o seu pensar teológico. Assim, Deus, cristologia, antropologia, relações sociopolíticas, ética, espiritualidade, religião são refletidos a partir deste novo horizonte: aberto, dinâmico, inter-relacionado, solidário, que busca um sentido para sua realização.

deve entrar, primeiro, o grande Pobre, a Terra e a humanidade, base que, garantida, possibilita então colocar a questão do futuro dos pobres e dos condenados da Terra.”, p. 195.

⁴⁹ Cf. Leonardo BOFF. O pobre, a nova cosmologia e a libertação, p. 196-200.



Quanto à antropologia, as transformações também são significativas. Começa-se pela linguagem e a consciência de seu sentido: passa-se a falar em “ser humano”, deixando a expressão “homem” para qualificar o ser humano masculino. Destaca-se ainda a recuperação da idéia de nó de relações e o surgimento da crítica ao antropocentrismo e da consciência de que se vive numa mesma *nave*, sendo que todos são responsáveis por todos e por tudo, o tempo todo.

Leonardo Boff recupera, no *paradigma ecológico*, um antigo e importante conceito de Deus: *panenteísmo*. Diferentemente do panteísmo, que concebe total identidade entre Deus e criatura – Deus é tudo e tudo é Deus –, o panenteísmo fala de uma identidade, ao mesmo tempo que mantém a autonomia: “Tudo não é Deus, mas Deus está em tudo [...] Faz de cada realidade seu templo.”⁵⁰

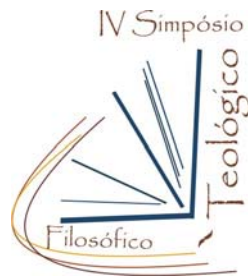
Este conceito expressa uma concepção *teoantropocósmica* e nasce a partir da nova cosmologia: “O mundo e nós dentro dele existimos para propiciar a Deus ter companheiros na sua superabundância e nós podermos ser divinos em nossa criaturidade.”⁵¹ A relação entre Deus e o mundo é vista como uma integração, mas não significa a negação da identidade e da diferença.

Em Leonardo Boff, a dinâmica Cristológica sempre foi concebida numa perspectiva cósmica, trinitária e reinocêntrica. Por isso, começa publicando uma *Cristologia Cósmica* (1971), que busca articular criação, encarnação e redenção. O tema da ressurreição é central, ontológico, mas ganha enorme ênfase cósmica no *novo paradigma*, pois revela o grande passo evolutivo que transforma e liberta tudo e todos, integrando tudo novamente a Deus.

O Cristo Cósmico representa no *paradigma ecológico* a “superação do antropocentrismo”, um avanço “qualitativo no processo cosmogênico”, pois ele

⁵⁰ Cf. Leonardo BOFF. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade**, p. 52. Cf. tb. Leonardo BOFF. **Dignitas Terrae**, p. 234-5. Esse conceito surge com Christian Frederick Krause (1781-1832) “fascinado pelo fulgor divino do universo.”, cf. **Dignitas Terrae**, p. 235. Também Moltmann trabalha de forma crítica esse conceito, cf. Jürgen MOLTSMANN. **Deus na criação**. Doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 156.

⁵¹ Cf. Leonardo BOFF. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**, p. 52.



“ultrapassa o âmbito humano, tem uma implicação cósmica”.⁵² Jesus aparece também ao lado de Buda como “uma das figuras religiosas que mais encarna o modo-de-ser-cuidado”.⁵³ Percebe-se que Boff vai ampliando sua base reinocêntrica-trinitária e destacando mais a totalidade de Deus, não perdendo a dimensão trinitária e dialógica.⁵⁴

Mas não se pode deixar de observar, quanto a mudança na concepção de Deus de Leonardo Boff, no *paradigma ecológico*, a referência a um dos seus temas fundamentais: a Trindade. Através da metáfora do jogo, que supera a idéia de máquina do mundo moderno, a Trindade expressa o encontro, a dança, a comunhão, a sintropia, a neguentropia: “*um jogo de relações: um Deus ecológico*.”⁵⁵ Referindo-se à Trindade, expressando sua concepção *teoantropocósmica*, Leonardo afirma que

Difícilmente algum ecólogo moderno poderia expressar melhor este jogo de relações, já que ele constitui a lógica básica da cosmogênese. Se Deus é comunhão e relação, então tudo no universo vive em relação e tudo está em comunhão com tudo em todos os pontos e em todos os momentos, como o temos enfatizado à saciedade em nossas reflexões. Pois é isso que os físicos quânticos, os representantes da ciência da Terra e os ecólogos no-lo repetem continuamente. A Trindade emerge desta forma como uma das representações mais adequadas do mistério do universo, assim como o interpretamos atualmente (teia de relações, arena de interdependência, dança cósmica), mistério decifrado como Deus.⁵⁶

A idéia ecológica de Deus, portanto, revela uma totalidade que transparece de mil formas. É o princípio criador, a Energia que sustenta a vida e a máxima aproximação do homem e do cosmos, no conceito panenteísta. Deus, enfim, é uma Trindade Cósmica.

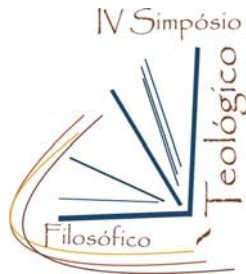
⁵² Cf. Leonardo BOFF, *El Cristo Cósmico: La superación del antropocentrismo*, **Numen**, Juiz de Fora, v.2 . n.1, p. 125-39, 1999.

⁵³ Cf. Leonardo BOFF, **Saber cuidar**, Ética do humano. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 168.

⁵⁴ Cf. Leonardo BOFF, Frei BETTO, **Mística e espiritualidade**. 2 ed. São Paulo: Rocco, 1999, p. 117-24; Cf. Leonardo BOFF, **Saber cuidar**, p. 168; Leonardo BOFF, *El Cristo Cósmico*, p. 125-39.

⁵⁵ Cf. Leonardo BOFF, **Ecologia, mundialização, espiritualidade**, p. 49.

⁵⁶ Cf. Leonardo BOFF, **Dignitas Terrae**, p. 240.



Finalmente, outra questão teológica fundamental na teologia de Leonardo Boff que ganha um novo horizonte é a eclesiologia. Leonardo tem freqüentemente tratado, em seus livros no *paradigma ecológico*, do futuro do Cristianismo (por exemplo: “**Ética da vida**” – 1999; “**A voz do arco-íris**” – 2000; “**Depois de 500 anos**” – 2000). Em sua visão, só uma igreja popular, rede-de-comunidades, mística, aberta ao *paradigma ecológico*, globalizada e encarnada nas diversas cores culturais pode ser significativa hoje:

A positividade cristã deverá ser dita nas múltiplas línguas humanas, nos códigos das diferentes culturas e celebrado nos símbolos próprios das várias tradições humanas. Só pela diversidade concretizar-se-á a catolicidade e a universalidade concretas da mensagem cristã. Portanto, somente um Cristianismo de rosto asiático, africano, índio-afro-latino-americano e ocidental pode representar o sonho de Jesus como proposta de sentido e de esperança para todos os que se abrirem a ele.⁵⁷

Aqui se nota que o conceito de *igreja*, no *novo paradigma*, supera toda forma de redução ou concentração no modelo romano-católico. A igreja como *povo de Deus* recupera os valores que Boff já sinaliza desde 1984, ou seja, uma igreja popular, dos pobres, que luta pela libertação, que vive em processo-construção-caminhada, a partir da base (povo organizado que é capaz de se articular com a hierarquia), vivendo uma santidade política (amar nos conflitos de classe, ser solidário, ter esperança, cumprir as decisões coletivas e até dar a própria vida) e aberta a todos.⁵⁸ E amplia-os falando de uma Igreja rede-de-comunidades (*communitas fidelium*) ecumênicas, dialogantes com as diversas culturas e tradições religiosas, mística, que se responsabiliza por seu passado e assume o compromisso ecológico, que faz a unidade entre os diversos

⁵⁷ Cf. Leonardo BOFF. **Ética da vida**. Brasília: Letraviva, 2000, p. 214 .

⁵⁸ Cf. Leonardo BOFF. Que significa teologicamente Povo de Deus e Igreja Popular? **Concilium**. Petrópolis, v. 196, n.6, p. 123-5, 1984.



carismas, que acolhe as mulheres, enfim, uma Igreja que tem como missão promover a *re-ligação teoantropocósmica*.⁵⁹

Neste sentido, o Cristianismo e a Igreja precisam se transformar teologicamente, em sua organização e sua práxis, para serem fiéis à missão e à identidade sacramental de anunciar a boa-notícia do Reino, a grande aliança de todos com todos, que se transfigurará quando Deus for tudo em todos.

Conclusão

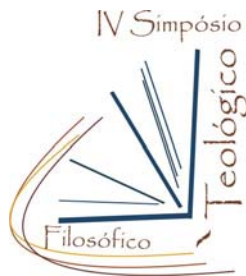
Leonardo, em depoimento sobre os 30 anos de teologia na América Latina, faz a seguinte avaliação sobre sua obra: “Fazendo uma rápida retrospectiva de meu próprio percurso teológico, sinto-me sob o signo da transformação”.⁶⁰ E recuperando uma expressão de São Bernardo, depois adotada por Boaventura e Alberto Magno – *ante et retro occulata*, ele afirma que a teologia

possui um olho voltado para trás, para o passado, em que lê os textos da revelação, os testemunhos da fé, os mestres exemplares e as tradições sagradas. Lê e relê com olhos enriquecidos por oculares que detectam camadas cada vez mais profundas dessa mina inesgotável. Tem outro olho voltado para a frente, para o presente, em que capta as intimidações da realidade complexa, contraditória e provocadora. Combinando os dois olhos, captamos holisticamente a realidade. Por um lado, surge uma teologia enraizada nas fontes e, por outro, renovada pela relevância da história presente.⁶¹

⁵⁹ Cf. Leonardo BOFF. *Ética da vida*, p. 159-215; *A voz do arco-íris*. Brasília: Letraviva, 2000, p. 181-202; *Depois de 500 anos*, que Brasil queremos? Petrópolis: Vozes, 2000, p. 100-122; A visão inacabada do Vaticano II: Ekklesia – hierarquia ou povo de Deus?, *Concilium*, Petrópolis, v. 281, n. 3, p. 40-9, 1999.

⁶⁰ Cf. Leonardo BOFF. Teologia sob o signo da transformação. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *O mar se abriu*. Trinta anos de teologia na América Latina. São Paulo: Loyola, 2000, p. 233-40, p. 233.

⁶¹ Ibidem, p. 233-4.

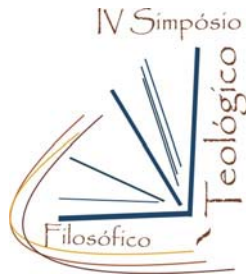


Mas ele vai mais além desta visão e compreende a teologia com uma dimensão ou olhar *ad intra* e também *ad extra*: para dentro, ela é mística, uma mística de comunhão trinitária; para fora, é engajada com o Reino de Deus, com sua construção histórica. E Boff ainda destaca outro aspecto fundamental: a teologia é também *omniocculata*, buscando “todas as coisas, até as mais mezinhas, pois vai além de seu objeto, Deus”.⁶²

Investigando-se a obra de Leonardo Boff, pode-se concluir que houve, de fato, uma *mudança de paradigma*. Essas mudanças tiveram início com a nova cosmologia, pensada a partir da idéia de relação, especialmente com as descobertas da física, da química e da biologia. Tudo se relaciona com tudo. Tal concepção afetou a antropologia teológica – o ser humano como “nó-de-relações”, em todos os sentidos. Gerou enorme significação na concepção de Deus, levando Leonardo Boff a recuperar o conceito panenteísta. Ele passa, então, a dar grande destaque novamente à *pericórese* trinitária, à ubiquidade do Espírito, à cristologia cósmica. Passa a questionar de modo ainda mais radical (vai à raiz) a eclesiologia, relativizando o cristianismo enquanto monopólio do mistério salvífico e dizendo que a grande questão atual é “salvaguardar a terra” sob séria ameaça de sobrevivência. Questiona a matriz cristocêntrica da eclesiologia que não dá importância ao carisma, ao Espírito, ao centro da pregação de Jesus que foi o Reino.

A teologia de Leonardo Boff continuou e continua uma produção no campo da TdL, mas também se abriu à TdPR no paradigma ecológico. Ela continua sendo uma teologia cristã libertadora e pluralista, um pluralismo inclusivo teoantropocósmico. Não pode ser vista como um simples pluralismo em razão de sua concepção cristológica. Mas, por esse mesmo motivo (cristologia cósmica), concebe que “Cristo” não é monopólio do cristianismo. Além de Jesus não esgotar Cristo, há muitos Cristos. Se Jesus é o “primeiro dentre muitos” – já se afirmava isso no antigo paradigma –, agora Leonardo fala de outras “expressões singulares” de Cristo, não só no cristianismo ou nas religiões. Por isso Leonardo Boff não pode ser “enquadrado” no inclusivismo

⁶² Ibidem, p. 234.



pura e simplesmente. Não há, porém, a negação da constitutividade de Jesus, nem de sua singularidade. A ressurreição é a razão pela qual Leonardo Boff afirma a unicidade de Jesus Cristo. Mas não é uma unicidade exclusiva, mas relativa, próxima da posição de J. Dupuis. É um inclusivismo plural, trinitário, cósmico ou teoantropocósmico.

Percebe-se, portanto, que sua teologia tem articulado a “libertação”, a “ecologia” e o “diálogo inter-religioso”. Tal encontro surgiu, especialmente, com a *mudança de paradigma* propiciada pela ecologia, um novo horizonte hermenêutico se abriu e transformou sua obra teológica.

Referências

AMALADOSS, Michael. O pluralismo das religiões e o significado de Cristo. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Diálogo de Pássaros**: nos caminhos do diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 89-109.

BAPTISTA, Paulo Agostinho N. **Libertação e diálogo**. A articulação entre Teologia da Libertação e Teologia do Pluralismo Religioso em Leonardo Boff. 476f. Tese (doutorado). PPCIR-UFJF, 2007, Juiz de Fora.

BOFF, Clodovis. Retorno à arché da teologia. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **Sarça ardente: teologia na América Latina** – perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 145.

_____. Teologia e Prática. **REB**, Petrópolis, v. 36, n. 144, p. 789-810, dez. 1976.

_____. **Teologia e prática**. Teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **Teoria do método teológico**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo (Org.). **Teologia da Libertação**: balanço e perspectivas. São Paulo: Ática, 1996.

BOFF, Leonardo et al. **O que ficou... Balanço aos 50**. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. **Roberto Burle Marx**, homenagem à natureza. Petrópolis: Vozes, 1981.

BOFF, Leonardo. **América Latina**: da conquista à nova evangelização. São Paulo: Ática, 1992.

_____. A não-modernidade de São Francisco – a atualidade do modo de ser de S. Francisco face ao problema ecológico. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 69, p. 335-48, 1975.



_____. A visão inacabada do Vaticano II: Ekklesia – hierarquia ou povo de Deus?, **Concilium**, Petrópolis, v. 281, n. 3, p. 40-9, 1999.

_____. **A voz do arco-íris**. Brasília: Letraviva, 2000.

_____. **Depois de 500 anos**, que Brasil queremos? Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Dignitas Terrae**, Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995.

_____. Ecologia e espiritualidade. In: ZARVOS, Cláudia et al. (Comp.) **Seleção de textos espirituais**. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 125-7.

_____. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. A emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *El Cristo Cósmico: La superación del antropocentrismo*, **Numen**, Juiz de Fora, v.2 . n.1, p. 125-39, 1999.

_____. **Ética da vida**. Brasília: Letraviva, 2000.

_____. **Igreja: carisma e poder**. Ensaios de Eclesiologia Militante. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. Libertação integral: do pobre e da terra. In: Leonardo BOFF. **A teologia da libertação: balanço e perspectivas**. São Paulo: Ática, 1996, p. 115.

_____. Natureza e sagrado: a dimensão espiritual da consciência ecológica. In: UNGER, Nancy M. **Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 75-80.

_____. **O caminhar da Igreja com os oprimidos**. Do vale de lágrimas à Terra Prometida. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

_____. O pobre, a nova cosmologia e a libertação. . In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.) **Sarça Ardente: teologia na América Latina – prospectivas**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 189-207.

_____. **Princípio-Terra**, a volta à nossa pátria comum. São Paulo: Ática, 1995.

_____. Que significa teologicamente Povo de Deus e Igreja Popular? **Concilium**. Petrópolis, v. 196, n.6, p. 123-5, 1984.

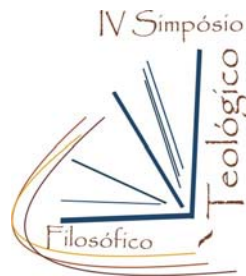
_____. Refundação da Dignidade Humana a partir da nova Cosmologia. **Cadernos de Fé e Política**, Petrópolis, v. 7, p. 37-54, 1992.

_____. **Saber cuidar**, Ética do humano. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **São Francisco: ternura e vigor**. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. **Teologia do Cativo e da Libertação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. Teologia sob o signo da transformação. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **O mar se abriu**. Trinta anos de teologia na América Latina. São Paulo: Loyola, 2000, p. 233-40.



_____. Viver uma atitude ecológica. Prefácio In: UNGER, Nancy M. **O Encantamento do humano**. Ecologia e espiritualidade. São Paulo: Loyola, 1991, p.11-4.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. 2 ed. São Paulo: Rocco, 1999.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Sombras na Catedral: a influência New Age na Igreja Católica e o Holismo da Teologia da Libertação de Leonardo Boff e Frei Betto. **Numen**, Juiz de Fora: UFJF, v. 1, n.1, p. 85-125, jul-dez 1998.

COE, Shoki. *Contextualization as the Way Toward Reform*. In: ELWOOD, D. J. **Asian Christian Theology. Emerging themes**. Philadelphia: Westminster Press, 1980, p. 54, *Apud* GIBELLINI, Rosino. **A teologia no século XX**, São Paulo: Loyola, p. 478.

DUPUIS, Jacques. Verbete: Teologias – Da libertação. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. **Dicionário de Teologia Fundamental**. Petrópolis-Aparecida: Vozes-Santuário, 1994, p. 1974.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. São Paulo: Loyola, 1998.

JOÃO PAULO II. Paz com Deus Criador, paz com toda a Criação. Mensagem para o Dia mundial da Paz. 01 jan. 1990. Disponível no endereço: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace_po.html>. Acesso em 01 mai 2007.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. A fé em busca da Teologia. In: MARASCHIN, Jaci (Org.). **Teologia sob limite**. São Paulo: Aste, 1992, p. I.

KERBER, Guilherme. **O ecológico e a teologia latino-americana**: articulação e desafios. Porto Alegre: Sulina, 2006.

KÜNG, Hans. **Teologia a caminho**. Fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999.

LIBANIO, João Batista. **Teologia da libertação**. Roteiro didático para um estudo. São Paulo: Loyola, 1987.

_____. Teologia no limiar do século XXI: relevância e função da Soter. In: FREITAS, Maria Carmelita de (Org.). **Teologia e sociedade: relevância e funções**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 9-34.

MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação**. Doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993.

PANASIEWICZ, Roberlei. Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso em Claude Geffré. São Paulo: Paulinas, 2007.

SEGUNDO, Juan Luis. **Libertação da Teologia**. São Paulo: Loyola, 1978.

SINNER, Rudolf von. Hermenêutica ecumênica para um cristianismo plural. Relações sobre contextualidade e catolicidade. **Estudos Teológicos**, São



Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 31, 2004.

SOBRINO, Jon. Teologia e realidade. In: SUSIN, Luiz Carlos. **Terra prometida** – movimento social, engajamento cristão e teologia. Petrópolis: Vozes/Soter, 2001, p. 288.

TEIXEIRA, Faustino. Teologia do pluralismo religioso em Claude Geffré. **Numen**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 47, jul-dez, 1998, *Apud* Werner G. JEANROND. **Introduction à l'herméneutique théologique**, Paris: Cerf, 1995.

UNGER, Nancy M. UNGER (Org.). **Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico**. São Paulo: Loyola, 1992.

WESTPHAL, Euler Renato. **O Deus cristão**. um estudo sobre a teologia trinitária em Leonardo Boff. 1997. 332f. Tese (doutorado). EST – Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Teologia, São Leopoldo.